

1. Introdução

É notório o fato de que a vertente racionalista da filosofia prevaleceu desde a sua origem, na Grécia Antiga, consolidando as bases do pensamento ocidental até os dias de hoje. O próprio surgimento da filosofia é apontado como o momento em que o pensamento mítico é suplantado pelo pensamento racional. Apoiada pelas idéias de filósofos como Parmênides, Platão e Descartes, a filosofia ficou conhecida como a ciência do uso correto da razão, tendo como base o pensamento pautado em princípios lógicos e a eliminação dos elementos subjetivos na especulação filosófica. A busca pela pura objetividade e pelo uso puro da razão foi o caminho escolhido para a tarefa de dizer, por exemplo, o que é o real, o mundo, o homem, a verdade. As consequências da valorização deste tipo de pensamento podem ser constatadas na cultura ocidental contemporânea. A crença nas possibilidades da razão determinou, e continua determinando, a nossa forma de pensar, o que faz a ciência hoje tomar como objetivos principais o desenvolvimento técnico, a determinação conceitual do real, o domínio e o uso da natureza.

Schopenhauer, influenciado pela crítica kantiana sobre as possibilidades da razão e, principalmente, pelo pensamento oriental, apresenta uma contestadora definição para o sentido da filosofia. Ele afirma que esta “tem como peculiaridade o fato de nada nela ser tomado como pressuposto, mas tudo lhe é, em igual medida, estranho e problemático, não apenas as relações entre os fenômenos, mas também eles mesmos, sim, o próprio princípio de razão ao qual as outras ciências se contentam em remeter todas as coisas”.¹ Seu objeto é, em última instância, o mundo, mas a filosofia não trata suas questões da mesma forma como o fazem as ciências. Como afirma Schopenhauer, as ciências partem necessariamente de pressupostos não problematizados, como a

¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §15. p.136.

noção de espaço, de tempo e de causalidade, e também de força, energia, atração e repulsão. Confiando em tais noções, tomando-as como pressupostos seguros da razão ou como conhecimento claro e distinto, as ciências trabalham apenas com os seus efeitos, isto é, operam observações e análises sobre os movimentos e as relações entre os fenômenos. Assim evidenciam uma crença absoluta na lógica e na racionalidade, naquilo que Schopenhauer denominou *princípio de razão suficiente*. Já a filosofia deve se interrogar, antes de tudo, sobre os próprios pressupostos. Ela deve questionar até mesmo a validade do tal *princípio de razão*. Deve tomar como tarefa descrever o mundo de uma forma distinta àquela intentada pela física. Além de refletir sobre os primeiros princípios de qualquer teoria científica, a filosofia deve levar em conta aspectos que se encontram além das regras lógicas formuladas pela razão, unindo ao pensamento racional a subjetividade do indivíduo, as intuições imediatas que temos no contato direto com o mundo fenomênico, em outras palavras, as sensações e os sentimentos que este mundo desperta. É desta forma que Schopenhauer descreve o que considera ser a verdadeira atividade filosófica:

"Poder-se-ia dizer que cada um, sem a ajuda de ninguém, sabe o que é o mundo. (...) Mas tal conhecimento é intuitivo, é conhecimento in concreto. Reproduzi-lo in abstrato, ou seja, elevar as intuições sucessivas que se modificam, bem como tudo que o vasto conceito de sentimento abrange e meramente indica como saber negativo, não abstrato, obscuro, a um saber permanente - eis a tarefa da filosofia." (MVR, p.137.)

Atualmente, pode-se perceber de forma bastante clara alguns dos limites do pensamento que se afirma como exclusivamente racional. Tentativas de definir toda a realidade com a precisão da pura objetividade e os ideais de desenvolvimento e progresso resultantes dessa linha de pensamento têm resultado em recorrente frustração. Os benefícios obtidos com o desenvolvimento das ciências permitiram ao homem dominar a natureza, mas foi justamente esse conhecimento frio e objetivo que o levou a criar uma situação insustentável em seu próprio ambiente.

Sim, trata-se de problemas como o aquecimento global e o esgotamento dos recursos naturais. Os efeitos sobre o planeta, causados pela transformação da natureza a partir do uso não refletido de uma razão percebida apenas como técnica e utilitária, são indícios que hoje levam as pessoas a indagar se o tipo de pensamento adotado desde a antiguidade, e principalmente a partir da modernidade, teria sido o mais acertado para o desenvolvimento da vida humana em sociedade. Como alternativa à defesa do uso puro, neutro e objetivo da razão, atualmente ganham expressão posturas que levam em conta outros fatores humanos na busca por melhores atitudes de vida, tais como atitudes individuais e ações coletivas fundamentadas nos sentimentos.

O momento atual torna ainda mais evidentes algumas noções que o filósofo Schopenhauer apresentara em sua obra como verdades metafísicas e atemporais. Uma delas é a de que, não importa o que façamos, e nem as técnicas que possamos desenvolver para reduzir as dificuldades da vida, esta sempre se apresentará como eterno sofrimento. A existência do sofrimento na vida de todo ser animado é efeito da essência imutável do mundo. Além disso, naqueles que dispõem do artifício da razão as dores são potencializadas. Estes, além de viverem o presente, ampliam suas preocupações para um passado e para um futuro projetado em suas mentes.

Com tudo isso, chega-se à conclusão de que a corrida pelo domínio da natureza, ou seja, pela mudança na realidade fenomênica como meio de tornar a existência mais agradável está, desde sempre, fadada ao fracasso, uma vez que a essência última do mundo não pode ser alterada. A possibilidade apresentada por Schopenhauer para uma vida menos sofrida também passa pelo uso da razão, mas unida a outro tipo de conhecimento. Um conhecimento interno, subjetivo, que permite ao indivíduo conhecer melhor a si mesmo. É a partir dessa compreensão intuitiva de si que a busca pela melhor forma de lidar com a realidade externa faz-se possível.

Parece estranho falar sobre a atualidade e o desenvolvimento de algo no tempo - como foi o caso da razão, apresentado acima - em um trabalho que tem como objeto o pensamento de Schopenhauer.

Relacionar este autor a uma perspectiva temporal parece sempre um ato impossível, visto se tratar de uma filosofia metafísica, cujas idéias tomadas como verdades universais escapam à temporalidade e se mantêm inabaláveis, não dependendo de qualquer contexto histórico. Segundo o filósofo, diante de idéias universais, toda conformação momentânea e toda conjuntura histórica se apresentam apenas como repetição do mesmo. Na perspectiva metafísica, as mudanças que percebemos no tempo são apenas variações fenomênicas; diferentes expressões de uma mesma e única essência universal.

Ao falar sobre a frustração frente às conquistas da razão, esta introdução não tem como intenção mostrar que Schopenhauer produziu um pensamento adequado ao momento presente. Bem diferente disso, pode-se dizer, sem agredir a posição metafísica de Schopenhauer, que o momento atual apenas evidencia alguns aspectos afirmados pelo filósofo acerca da essência do mundo. Se tais aspectos sempre estiveram presentes, o momento atual não pode apresentar uma nova realidade em relação a outras épocas. O que se entende por atualidade nada mais é do que uma conformação específica dos elementos existentes desde sempre. Ao invés de entrarmos na discussão sobre a impossibilidade de se relacionar o pensamento schopenhaueriano a um determinado momento histórico, pensemos o problema segundo a seguinte analogia: é mais fácil perceber a ação da lei universal da gravidade em um corpo que cai do que em um objeto em repouso. Apesar disso, a força da gravidade se faz presente da mesma maneira nos dois objetos e, igualmente, em qualquer outro existente. É da mesma forma que proponho pensar o momento atual em relação à descrição que Schopenhauer faz, tanto do mundo, quanto da vida. O importante aqui é perceber que o contexto de hoje apenas torna mais evidentes aquelas verdades apresentadas pelo filósofo em seu caráter universal. Aspectos defendidos pelo filósofo sobre o mundo, tais como o sofrimento, a frustração, a eterna degradação e morte dos seres individuais, a falta de sentido último e a própria impossibilidade de alterar a sua constituição essencial através da técnica tornam-se agora mais evidentes. Por tudo isso se justifica o aumento da importância dada a este filósofo nos últimos anos.

Após a constatação de que a grande empreitada da humanidade baseada na ciência e na técnica não está nos levando a uma situação melhor, discussões sobre ética e sobre a própria prática científica já começam a esboçar um tom mais humano. Sentimentos e afetos se misturam de forma incisiva a reflexões racionais sobre ecologia, preservação do planeta, controle da violência, uso de biotecnologia e outros assuntos importantes à humanidade hoje. A sociedade deixa cada vez mais claro o seu distanciamento do ideal de uma razão pura. Talvez estejamos finalmente nos dando conta de que os elementos subjetivos interferem no pensamento inevitavelmente, excluindo a possibilidade de um conhecimento neutro e puramente objetivo da realidade.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como meta investigar, na obra de Schopenhauer, as determinações da representação intuitiva e dos sentimentos; estes que são afirmados como o fundamento de todo pensamento abstrato, isto é, de todo pensamento racional. A representação intuitiva, tomada como o conhecimento imediato da apreensão do mundo pelos sentidos, constitui a base para a construção do pensamento racional. Até mesmo a matemática ou a lógica pura têm de buscar nela o seu apoio. Dessa forma, as tentativas muito recorrentes no pensamento científico, de exclusão das representações intuitivas (experiências diretas e não-rationais) dos sistemas de conhecimento conceitual estariam, na verdade, abandonando a sua própria sustentação. Se as certezas intuitivas e imediatas que temos não podem valer para o conhecimento científico, ficando em seu lugar apenas as regras inferidas logicamente, então toda teoria tem de partir obrigatoriamente de pressupostos não justificados. Tal é o caso dos exemplos apresentados anteriormente, das noções de força gravitacional, energia, tempo e espaço. São noções que, como foi afirmado há pouco, a física toma como pressupostos, sem refletir sobre os seus fundamentos e, por outro lado, sem admitir se tratar simplesmente de certezas obtidas pelo homem através de um conhecimento imediato e intuitivo.

Para Schopenhauer, a única certeza capaz de justificar os pressupostos de uma teoria seria justamente aquela que tem origem nas representações intuitivas, ou seja, no conhecimento concreto e imediato

que temos do real. Para ele, aquilo que se origina dos sentimentos ou sensações não constituem um simples amontoado de impressões incertas. Pelo contrário, o que se origina desses sentimentos ou sensações nos proporciona o conhecimento mais seguro e a relação mais harmônica com o real. Todo conhecimento racional seria derivado dessas impressões iniciais. Constituiria uma abstração a partir do conhecimento concreto e intuitivo; uma abstração necessária para a memorização e transmissão do conhecimento. Por isso, de forma alguma seria correto pensar que Schopenhauer era contrário à razão. Seu intuito era apenas mostrar que ela nunca foi o único elemento atuante no conhecimento humano, e que todo desenvolvimento racional só é possível com a participação das duas instâncias: a intuitiva e a abstrata. Ele quer com isso tornar evidente uma falha na compreensão racionalista sobre a verdadeira constituição do homem e do mundo. Sua crítica se refere a um tipo de uso indevido da razão, mas não à razão em si mesma. O que o filósofo procura fazer é delimitar o campo de atuação de cada forma de compreensão, e como ambas se relacionam na produção do conhecimento.

Para a tarefa de pensar a importância e as implicações do conhecimento imediato na obra de Schopenhauer, o presente trabalho inicia seu percurso com uma apresentação dos conceitos centrais à filosofia desse autor. Num primeiro momento, será traçado um panorama das perspectivas pelas quais torna-se possível a compreensão do mundo. Trata-se do mundo visto como vontade e como representação, e de cada uma dessas perspectivas ora sob o jugo do *princípio de razão suficiente*, ora livre de suas determinações. Essa é a forma como o pensamento schopenhaueriano se apresenta estruturado em *O Mundo como Vontade e como Representação*.

Neste capítulo encontraremos ainda uma abordagem sobre o conteúdo estético e ético do pensamento schopenhaueriano. Será apresentada a abertura para o instante da contemplação artística a partir de um desligamento momentâneo do sujeito à sua vontade individual, o que leva a uma outra discussão, sobre o conteúdo dessa contemplação, o conteúdo da própria arte e a existência do Gênio, o único capaz de

transfigurar as idéias obtidas na contemplação direta da natureza em obra de arte. Por outro lado, sobre a ética será discutida a possibilidade de uma distinta compreensão do mundo, que gera o sentimento de compaixão e leva o indivíduo a negar sua própria vontade. A estética e a ética presentes em *O Mundo...* serão apresentadas de forma sucinta, pois elas apenas tangenciam o foco principal deste trabalho, que é pensar o conhecimento intuitivo e sua relação com o abstrato, tal como essa relação se dá na vida de todo ser humano e, não apenas, nos raros casos que determinam o surgimento do Gênio e do Santo.

O segundo capítulo tratará, de forma mais específica, das representações abstratas ou conceituais. Será o momento de abordar os problemas referentes às ciências, apontados pelo autor, assim como a importância da razão para o desenvolvimento do homem. Em síntese, o capítulo tratará de como a instância do conhecimento conhecida como razão opera para produzir a compreensão que temos da realidade num primeiro momento, como multiplicidade de fenômenos com características a serem determinadas, como o mundo conhecido enquanto representação.

No terceiro capítulo será discutido o fundamento a partir do qual Schopenhauer pode defender a existência da vontade; não só da vontade individual que se manifesta pelo desejo, mas de uma Vontade universal, tomada como a verdade do mundo ou, em outras palavras, como a *coisa em si*. O objeto deste capítulo é o corpo, o objeto apresentado como única abertura para a certeza da vontade individual. Trata-se da abertura para uma vontade que em cada pessoa se apresenta como um sentimento de estar vivo, de querer, de ter e ser uma vontade própria, embora determinada. A partir daí, passa-se da análise da extensão da certeza da vontade individual à noção de vontade universal.

No capítulo conclusivo desta dissertação serão traçadas as relações entre tudo o que foi pensado com relação ao conhecimento e suas implicações na vida do indivíduo humano. Buscará pensar qual seria a relação mais adequada entre o conhecimento intuitivo e o abstrato, tanto para a produção de conhecimento sobre o mundo, quanto para a conduta individual dos homens. Dessa forma, serão colocados os

benefícios e a importância de uma ciência que leve em conta os elementos intuitivos e os sentimentos que se encontram na origem do pensamento, bem como a importância de se compreender os dois lados influenciando sobre a constituição do homem e do caráter individual no caminho de busca por uma vida mais feliz, ou apenas menos penosa. Tudo isso tem relação direta com a prerrogativa da Eudemonologia schopenhaueriana que afirma que a melhor forma de vida deve ser buscada na experiência, no conhecimento do próprio caráter e das situações que trabalham contra ou a seu favor. Um passo importante nessa busca seria compreender melhor a constituição do próprio ser humano e os elementos que fazem efeito, determinando toda a sua possibilidade de conhecimento.

Encerra-se desta forma o trabalho, e já se pode vislumbrar uma possível conclusão. É fundamental, para o auto-conhecimento, que se entenda a relação sempre existente entre as antíteses schopenhauerianas. Tanto ao que se refere à razão, quanto ao que diz respeito ao sentimento. São as antíteses enumeradas por Patrick Gardiner, "as antíteses entre conhecimento abstrato e o intuitivamente concreto, entre a razão (que compreende a capacidade dedutiva e a habilidade de inferir) e a compreensão ou sabedoria, entre a percepção ordinária, orientada para a prática e a contemplação 'sem vontade', entre os conceitos da ciência e as idéias da arte, e finalmente, entre o conhecimento teórico que procede segundo princípios ou regras comunicáveis e o conhecimento do tipo discursivo ou imediato, que deriva sua validade da convicção e do sentimento interno que estão na raiz da ética". Resgatar a importância do sentimento e da intuição, e tornar evidente o jogo entre os dois lados que compõem o conhecimento humano, foram os objetivos que impulsionaram esse trabalho.